

SOB O OLHAR DO OUTRO: O DISCURSO ECOCRÍTICO DE CAIO FERNANDO ABREU

Autora Karliana Barbosa de Arruda (1); Co-autora (2) Katiana Barbosa de Arruda

1. Universidade Estadual da Paraíba. Email.: karlianacg@hotmail.com
2. Universidade Estadual da Paraíba. Email.: katianacazu@hotmail.com

RESUMO

Adentrar no campo do discurso requer a ativação de algumas ideias-força, sobretudo, quando se almeja enveredar pelos caminhos da análise literária, pois tal campo é bastante amplo, necessitando, pois, que haja uma delimitação criteriosa do objeto. Nesse sentido, esse artigo trouxe como contribuição uma análise do texto literário sob o viés discursivo do sujeito-enunciador, segundo o qual a fonte de referência é a pessoa, o tempo, o espaço e a subjetividade. Para firmar tal intento, optou-se por analisar o conto *As Corujas*, de Caio Fernando Abreu, tomando-se como recorte a vida e a obra do autor, assim como a relação deste com a escrita de Clarice Lispector, propondo-se uma nova maneira de enxergar o meio ambiente, a natureza e, em particular, os animais. Seguiu-se, todavia, o pressuposto de que - no que tange às trocas de saberes, ao conhecimento de mundo e, sobretudo, à alteridade – os outros seres têm muito a ensinar. Ademais, refletir sobre o lugar da obra literária considerando o tempo, o espaço em que ela foi produzida, assim como, dando ênfase ao discurso do sujeito-enunciador não é tarefa das mais fáceis. É que tal posicionamento pode ser julgado como prática redutora ou empobrecedora da obra. Entretanto, faz-se necessário romper com as suposições dessa linha de estudo, até porque analisar um texto literário através de um “eu” criador profundo e um “eu” social requer dar conta de níveis de entrelaçamentos que não devem ser deixados de fora da contextualização de nenhuma obra. Para essa análise, fez-se imprescindível o levantamento bibliográfico de autores contemporâneos, que ajudaram a fundamentar as ideias aqui retratadas, a exemplo de Garrard (2006), Maingueneau (2009), Foucault (2008), Maciel (2016), Cosson (2012), entre outros estudiosos não menos importantes.

Palavras-Chave: Análise do discurso; Estudos Animais; Caio Fernando Abreu.

INTRODUÇÃO

A análise do discurso literário oferece um amplo campo de estudos. Nesse sentido, fala-se em teoria da recepção, corrente que separa a posição entre autor e leitor, concebe-se também o discurso literário intertextual, considerando o trabalho com a literatura resultado de um discurso constituído anteriormente, elege-se também um discurso sob a perspectiva da sociocrítica, no qual a análise dos

textos literários é feita a partir da comparação com outras obras, enfim, uma série de modos possíveis de olhar e compreender o texto literário.

Todas essas correntes e muitas outras se formaram com o intuito de desvendar as causas que levaram a produção de determinado discurso, pois, conforme Foucault (2008), “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos (FOUCAULT, 2008, p.9)”.

Maingueneau (2009), por sua vez, privilegiou a singularidade do criador-enunciador, bem como o caráter excepcional da Literatura para a formação do saber e constituição dos sentidos. Para ele, “para produzir enunciados reconhecidos como literários, é preciso apresentar-se como escritor, definir-se com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição (MAINGUENEAU, 2009, p. 89)”.

Isso quer dizer que o escritor enquanto disseminador de ideias deve manter uma postura crítica diante da vida e dos temas retratados. Contudo, não necessariamente deve manter-se pertencente à vida literária, pois a obra sobrevive, conforme acredita a linguística, a uma complexa condição, a de não estar totalmente vinculada, nem totalmente fora da vida do autor, constituindo-se nesse meio termo, a chamada paratopia.

Pensando nisso, essa pesquisa trouxe como contribuição uma análise do discurso literário a partir da posição do sujeito-enunciador, dando-se ênfase à vida, ao espaço e ao lugar do escritor, entendendo que cada obra constitui um universo fechado, incomensurável com relação a qualquer outro, no qual se opera uma dupla reconciliação entre a consciência do autor e o mundo.

Por tudo isso, e para somar a esse campo de análise, optou-se por uma breve análise da vida e da obra do escritor Caio Fernando Abreu. Sujeito autêntico, intenso e atual, considerado um dos pensadores mais importantes das últimas décadas, Caio foi o veículo de uma geração.

Contista, dramaturgo, poeta e jornalista, a sensação que o escritor deixava era a de que não pertencia a lugar nenhum e, portanto, pôde pertencer a vários lugares, refletindo esse caráter múltiplo em sua obra. Dedicou toda a sua vida à palavra e foi considerado um ícone, um especialista na arte de impressionar o leitor.

“Morangos Mofados”, publicado na década de 1980 nasceu junto à redemocratização do país e foi considerado a representação dessa época. Caio também foi um dos primeiros artistas a declarar publicamente sua condição de portador do vírus HIV, doença que o tirou da vida que amava, ainda jovem, aos 47 anos de idade.

A obra de Caio Fernando Abreu também mostrou-se notória em meio à temática do animismo, tanto que ele pode ser incluído entre aqueles que vêm sendo estudado no âmbito da Zooliteratura, juntamente com Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Machado de Assis, entre outros que se dispuseram a escrever o animal ou sobre ele, investigando a complexidade que estes representam para a razão humana e buscando extrair, assim como disseminar, um saber alternativo sobre o mundo e a humanidade.

Em “As corujas”, pode-se perceber essa forte ligação de Caio com a temática do animismo, motivo pelo qual esse conto foi escolhido como recorte para essa análise. Entretanto, outros textos e obras do autor voltaram-se para esse universo ecocrítico e “zoológico”, de modo que podemos imputar ao autor um compêndio zoopoético riquíssimo, responsável por ensinar e enxergar o animal como ele é, ou seja, com suas particularidades, sentimentos, e diferenças. Um modo positivo de aceitação e que vale para todos os seres, humanos ou não humanos.

Para essa análise, fez-se imprescindível o levantamento bibliográfico de autores contemporâneos, que ajudaram a fundamentar as ideias aqui retratadas, como Cosson (2014), Maciel (2016), Foucault (2008), Marcuschi (2008), Maingueneau(2009), entre outros.

2. AS FACES ENUNCIATIVAS DE CAIO FERNANDO ABREU

Segundo Maingueneau (2009), a Literatura põe o escritor em uma situação especial, fazendo-o pertencer a dois mundos. É o que o autor denomina de entre-lugar, ou seja, nem fora da vida, nem dentro dela, uma espécie de meio termo.

E é nessa condição de pertença extra ou permanência onipresente que o escritor se vê autorizado a adentrar em outros discursos, sobretudo, aqueles tidos como proibidos ou sem uma força momentânea que os façam ser ouvidos.

De acordo com Foucault (1996), em uma sociedade que tende à exclusão, o mais provável é que não se possa dizer tudo, sempre vai haver algo impedido de ser dito, interditado, um discurso velado ou controlado. Nessa ordem, a sexualidade e a política são dois grandes exemplos citados pelo autor.

Entretanto, em se tratando de arte literária, o escritor caminha imune, abordando principalmente os assuntos mais delicados, chamando a atenção para temas excluídos e grupos discriminados.

A situação paratópica do escritor o leva a identificar-se com todos os que parecem não ser incluídos nas linhas divisórias da sociedade: boêmios, judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios, americanos...a depender das circunstâncias. Basta que seja estabelecida na sociedade uma zona percebida como potencialmente paratópica para que a criação literária possa explorar (MAINGUENEAU, 2009, p.98)

O vocábulo “paratopia” foi criado pelo linguista Dominique Maingueneau para denominar os artistas, escritores, errantes que de alguma forma não se enquadram no estereótipo canônico, mas também não estão fora dele. Todavia, nas últimas décadas, tem sido discutido o modelo de escolha das obras eleitas para figurar tão alto patamar, sobretudo, pelas correntes “teórico-críticas que colocam sob suspeita a representatividade das obras selecionadas, denunciando preconceitos de gênero, classe e etnia, entre outros aspectos na formação do cânone (COSSON, 2012, p.32)”.

Há algum tempo atrás, no entanto, essa linha divisória que separava o sagrado do não sagrado em termos de Literatura sequer era questionada, de modo que durante séculos prevaleceu um discurso invariável e incólume, eleito por uns poucos privilegiados.

Apesar disso, sempre houve aqueles que souberam transgredir através da arte os limites impostos pelo sistema. Foi o caso de Caio Fernando Abreu, escritor que manteve o rico diálogo entre vida e obra, rendendo para sua geração um registro crítico de relação com a arte, frente à sociedade.

Caio Frenando Abreu nasceu gaúcho, mas passou a maior parte da vida como andarilho. Teve uma vida intensa, foi hippie, punk, nômade e faleceu jovem, vítima da AIDS. Escritor símbolo da nossa era contemporânea, em seu entendimento, seu ofício como escritor era documentar as coisas, a vivência de seu tempo e de sua geração.

Durante sua vida foi garçom, cronista, jornalista, dramaturgo e escritor, todos esses papéis atribuíram a Caio um caráter de visceralíssimo e de inquietude em sua trajetória. Ele era um ser múltiplo, que sempre estava em busca de experimentar coisas novas, como ele próprio afirmara:

Não me arrependo de nada, eu fiz questão [...] de correr absolutamente todos os riscos [...] tudo o que minha geração fez eu fiz radicalmente, até o fim: eu fui garçom, eu fui preso, eu fui hippie. Então, eu fui sendo um pouco porta voz destas pessoas, eu fui contando a vida delas (OURIQUE; MOREIRA, 2016, p.14).

A citação acima denota o caráter nômade e outsider do escritor, que viajou por vários países, levando uma vida itinerante. Tal condição de mobilidade, segundo o filósofo Deleuze "constitui a

essência do ser, o instrumento de sua criatividade e de sua constante adaptação ao contexto espaço-temporal (RODRIGUES; KOHLER, 2008, p. 32)”.

Toda essa mobilidade e vida fora de seu país de origem resultaram em diversos romances, peças de teatro e coletâneas de contos que muitas vezes retrataram décadas de história política do Brasil, dentre outros temas abordados por Caio em suas obras, como a sexualidade e, principalmente, a urbanidade, mote central dos escritos do autor, que retratou como poucos a fragmentação identitária do sujeito da cidade.

Desse modo, percebe-se que, mesmo à distância, por causa do seu exílio - Caio foi obrigado a viver muitos anos na Europa - soube captar com sensibilidade a realidade do Brasil nos anos da ditadura, talvez por possuir com o seu país um vínculo subjetivo muito forte, uma eterna relação de amor e ódio, relação esta bastante mencionada pelo escritor em suas obras.

Dos seus melhores amigos, a máquina de escrever foi para Caio uma companheira inseparável, pois, como cronista de profissão, gastava a maior parte do tempo junto do instrumento, porém, nas horas vagas também fazia seus registros à mão em cadernos, guardanapos e até no próprio corpo.

O autor também gostava de cinema, mas era apaixonado mesmo pela Literatura. Entre os escritores favoritos, nunca escondeu sua predileção por Clarice Lispector, autora que o inspirava e o fazia ser mais cuidadoso com a linguagem. De todos os signatários de Clarice, Caio foi um dos poucos que sobreviveu sem ser tachado de imitador, conseguindo se destacar com êxito por seu trabalho como literato. Sua empatia pela escrita de Clarice pode ser vista em vários de seus trabalhos.

Com a temática do animismo o autor se destaca, junto a Clarice, como escritor sensível e preocupado com um discurso pouco discorrido na Literatura, qual seja, a preocupação com a natureza e os animais, tomando-os como tema nas suas mais diversas obras, desde contos, crônicas até romances.

Assim como discorreu com coragem e orgulho sobre temas difíceis de serem abordados, como a AIDS e o homossexualismo- na época ainda poucos discutidos e considerados um tabu sociedade – Caio retratou com sensibilidade e paixão a relação entre homem/animal.

Para ele, antes mesmo de ser seu “ganha pão”, a escrita o fazia crescer como ser humano e, nesse sentido, a temática animal conduzia-o a uma maior percepção sobre os outros viventes e sobre si próprio.

3. SOB OS OLHOS, UM DISCURSO: O ETHOS DE CAIO E CLARICE

O olhar é, segundo Chevalier (2009), instrumento poderoso. Com ele somos capazes de matar, fascinar, fulminar, seduzir e até exprimir o que às vezes não é possível expressar com palavras. Para o escritor, “as metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador (CHEVALIER, 2009, p.653)”.

E é esse olhar diferenciado, repleto de significados e revelações que é oferecido a quem se dispuser a ler as obras de Clarice e Caio. Ambos os autores conferiram grande atenção a essa expressão que é símbolo de dupla percepção: intelectual e intuitiva.

Foi chamando a atenção para a importância do olhar que puderam imprimir em suas obras um valor que perpassa o humano e o racional, capaz de levar o leitor a uma súbita sensação de entendimento da essência, o que na obra de Clarice, passou-se a denominar de epifanias.

Encontramos, pois, em dois contos “As Corujas”, de Caio Fernando Abreu e “O Búfalo”, de Clarice Lispector similitudes que dão ao olhar importância significativa. No conto As Corujas, publicado no livro “Inventário do Irremediável”, a narrativa dá-se com a história de duas corujas que são levadas a uma casa para serem negociadas, a insistência do vendedor é tamanha frente à recusa dos moradores que, ao final, as aves são deixadas em troca de um sabonete.

Nesse conto, Caio chama a atenção para uma temática bastante complexa na história da humanidade, a relação entre homens e animais. Ao longo da narrativa, o leitor é levado a perceber o quanto os animais são desprestigiados e inferiores, tratados como objetos sem nenhum valor, invisíveis aos olhos de uma sociedade que só visa o lucro. “O homem que as trouxera exigira apenas um sabonete em troca. Não sei se chegaram a saber disso - talvez não, pois quem sabe a troca mesquinha faria oscilar o orgulho delas, amenizando-lhes a ousadia de encarar-nos (ABREU, 2006,p.28)”.

E Não foi à toa que o escritor escolheu a coruja para tomar parte nesse discurso. Animal considerado símbolo de inteligência e sabedoria, a coruja também já foi considerada animal de mau augúrio e envolvida em crenças e misticismos, principalmente para algumas culturas, que associavam a ave à morte, ao desastre, e ao azar. Essa associação se dava, principalmente, pelo grito ruidoso e, como enfatizado no conto, o olhar penetrante característico desse animal.

A chegada das corujas a casa, dessa forma, acontece de forma marcante, pelo menos, para o filho mais velho, único capaz de enxergar as corujas enquanto seres. Por outro lado, as aves

trouxeram para o restante da família um misto de curiosidade e desprezo. A empregada, que as recebeu, viu os animais como simples coisas, já os pais não lhe deram o devido cuidado. As crianças, no entanto, nutriram certa curiosidade e desconhecimento por tratar-se de animais não tão comuns, de modo que trataram de recebê-las como novos brinquedos.

Meu pai, no entanto, não lhes deu atenção. Constatou-as e passou adiante, em direção ao banheiro. Minha mãe sorriu-lhes, tentando a primeira carícia, recusada talvez por inexperiência de afeto. [...]O viver constante demorado e desiludido dos outros, acostumados à dureza não poderia por caminhos diretos render-se à solicitação dos olhos delas. Mas a inexperiência das crianças levava-as ao extremo oposto de desrespeitá-las em sua individualidade, trazendo-as sem cerimônias para seu mundo de brinquedos. (ABREU, 2006, p.29).

Apenas um adolescente, o narrador onisciente do conto, procura enxergar as corujas através da leitura do olhar delas- bastante expressivo - em busca de uma essência. Tanto que passou a perceber, no decorrer dos dias, que as corujas passaram a ficar acuadas, haja vista não estarem acostumadas ao ambiente doméstico. "Acostumadas como estavam aos vastos céus e campos percorridos dias inteiros preferiam buscar as coisas perdidas no calor dos corpos uma da outra". (ABREU, 2006,p.29).

Dia após dia, as corujas foram ficando tristes, o que acabou por desencadear a morte de ambas. Nesse sentido, a parte final é intitulada desfecho e acentua o caráter destrutivo do homem em relação à natureza, através da representação da morte, que não se dá apenas com o lépido falecimento das corujas, mas também pelo descrédito da personagem, frente à sabedoria humana. "Não fui ver a sepultura. Não sei se me assustava o mistério adensado ou para sempre desfeito". (ABREU, 2006, p.31).

Porém é no início do conto que podemos observar todo o mistério e importância conferida ao olhar, sobretudo, daqueles que, por alguma razão, sofreram alguma limitação da palavra.

Tinham um olhar dentro, de quem olha fixo e sacode a cabeça, acenando como se numa penetração entrassem fundo demais, concordando, refletidas. Olhavam fixo, pupilas perdidas na extensão amarelada das órbitas, e concordavam mudas. A sabedoria humilhante de quem percebe as coisas apenas suspeitas pelos outros. Jamais saberíamos das conclusões a que chegavam, mas oblíquos olhávamos em torno numa desconfiança que só findava com algum gesto ou palavra nem sempre oportunos (ABREU, 2006, p.5).

No conto "O búfalo", publicado no livro Laços de Família, um simples olhar foi capaz de causar o mais sincero dos encontros, o da verdade com a existência. A história se passa em um

zoológico, em plena primavera. A personagem principal é uma mulher, rejeitada por seu parceiro e que, por não saber odiar, vai ao zoológico - lugar que acredita ser o pior dos horrores- a fim de lá apreender esse sentimento.

Buscava, então, no olhar de cada animal um motivo que pudesse levá-la ao ódio que nunca fora capaz de sentir, nem mesmo depois de ter sido ignorada pelo homem amado. “Sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer”. (LISPECTOR, 2009, p.126).

Mas, era primavera e, por mais que não quisesse, só via amor estampado nos olhos dos animais, um amor que talvez fosse reflexo dela mesma.

Clarice Lispector buscou em suas obras quebrar tais fronteiras, tratando de aproximar homem e animal. Através do animismo e do que os novos “estudos animais” tem denominado de zooliteratura, a obra da autora vem contribuindo para o esclarecimento e a desmistificação desse viés egocêntrico, pelo qual o homem tem se imposto ao longo dos séculos como soberano.

Para Maciel (2016), as fronteiras que separam os homens dos animais existem porque os humanos ainda “precisam se aceitar como animais para se tornarem humanos”. (MACIEL, 2016, p.47).

Desse modo, o trabalho de Clarice, assim como o de Caio, vem possibilitando a difusão de um saber que perpassa a imaginação e passa a formar cidadãos mais críticos, conscientes e solidários em relação aos outros seres.

Clarice Lispector foi uma autora que sempre buscou trabalhar a animalidade em contraste com a humanidade. Questões como diferença, alteridade, relação fizeram-se presente na sua obra, de maneira que ela foi reconhecida como escritora símbolo de sensibilidade e percepção humana, sobretudo, pela maneira como tratou de temas tão delicados, a relação entre homens e animais, por exemplo.

Clarice dedicou boa parte de sua obra para deixar impressa a ideia de que o valor do não humano, muitas vezes, habita no olhar do humano, assim como do próprio não humano. Como rica contribuição nos deixou, “A paixão segundo GH”, “O ovo e a galinha”, “O crime do professor de matemática” “Água viva”, “A vida íntima de Laura”, “O sopro da vida”, entre outros textos que, conforme explica Nascimento (2016):

Ficcionalizam certo não humano não como aquilo que ameaça o homem mas, ao contrário, contribui para o ultrapasse das barreiras impostas pela civilização dita ocidental no avançado estágio de seu desenvolvimento tecnológico (NASCIMENTO, 2011, p.129).

Escrever sobre a relação entre homem/animal, portanto, é mais que uma vontade ideológica, uma necessidade política ou social, é também fruto de uma apreensão da vida enquanto continuidade e complementariedade, sobretudo, para aqueles que enxergam o lugar e o espaço como unidade de sentido.

De acordo com Marcuschi (2008), o sujeito vive sua subjetividade através de uma dupla condição, ou seja, nem totalmente assujeitado – determinado por alguma exterioridade -, nem totalmente livre – acometido por um discurso individual e puro. Para ele, “o sujeito de que falamos é aquele que ocupa um lugar no discurso e que se determina na relação com o outro” (MARCUSCHI, 2008, p.70).

Caio Fernando Abreu foi um desses sujeitos paratópicos, no dizer de Maingueneau (2009), pois soube manter-se entre a escrita e a sociedade, construindo, através do discurso do outro, um novo discurso, enriquecido por sua vivência enquanto pessoa, cronista, viajante, admirador de Clarice e cidadão atuante.

Caio publicou seu primeiro romance “Limite Branco” em 1970, época em que o Brasil vivia o que Reigota (2009) pontuou como o despertar da consciência ecológica, momento histórico em que as manifestações em prol do meio ambiente se multiplicavam em todo o país, propiciando o questionamento entre a relação entre a humanidade e os demais seres componentes da natureza.

Em resposta a tais questionamentos e sob a influência do discurso animista de Clarice Lispector, Caio passa a compor o que podemos classificar como “o bestiário do Brasil”, no sentido de catalogação do saber animal, imprimindo em sua obra características, sentimentos e comportamentos relacionados aos animais.

Comungando das ideias de Clarice e em homenagem a ela escreveu “As Frangas”, um paralelo com a obra “A vida íntima de Laura”, uma história sobre galinha, animal que a autora admirava e sobre o qual fazia questão de escrever. Em “As Frangas”, o autor trata sobre diferenças e preconceitos de cor, raça, credo, porém, de maneira simples, bem-humorada e leve, até porque o livro é voltado também para o público infantil.

Para lembrar o título de um conto de Clarice “O ovo e a galinha”, Caio intitula um de seus livros de contos como, “O ovo apunhalado”.

Já “Pequenas epifanias” dá nome à outra obra sua, o vocábulo “epifanias”, palavra que conceitua boa parte dos textos de Clarice, entendida como uma revelação interior de duração fugaz, momento excepcional ou fenômeno revelador e determinante de dualidade entre o “eu” e o “outro”,

conforme descreveu Ferreira (2016), também parece ter sido uma homenagem feita por Caio a sua amada escritora.

E, por fim, “As corujas”, conto destacado nessa pesquisa e que nos põe a par do diálogo poético, político e discursivo entre Caio e Clarice, em prol de cumprir um papel importantíssimo, que é o de difundir a imagem dos animais há muito apagada na sociedade, tendo em vista o avanço das cidades e das tecnologias, progressos que acabaram por culminar em um espaço pouco afeito, desprovido de acolhimento e suscetível a negligenciar a todos- humanos ou não - que, de alguma maneira, não conseguiram se enquadrar na ordem social, restando-lhes, portanto, a margem, o plano do invisível.

CONCLUSÕES

Refletir sobre o lugar da obra literária considerando o tempo, o espaço em que ela foi produzida, assim como, dando ênfase ao discurso do sujeito-enunciador não é tarefa das mais fáceis. É que tal posicionamento pode ser julgado como prática redutora ou empobrecedora da obra.

Entretanto, faz-se necessário romper com as suposições dessa linha de estudo, até porque analisar um texto literário através de um “eu” criador profundo e um “eu” social requer dar conta de níveis de entrelaçamentos que não devem ser deixados de fora da contextualização de nenhuma obra.

A condição paratópica do escritor não permite que se estude a obra apenas pelo viés ideológico e subjetivo, tampouco que se desconsiderem tais fatores, como se o discurso pudesse ser produzido em um universo autônomo, paralelo.

O escritor na condição de enunciador pertence à obra e esta é produto de sua existência, portanto, a qualidade do discurso literário é resultado também da legitimação do sujeito-autor, do espaço e do tempo, características que torna possível a enunciação.

O trabalho de Caio Fernando Abreu como escritor, nesse sentido, mostrou-se bastante rico e não é difícil entender por quê. A obra de Caio apresenta duas características marcantes da escrita contemporânea, a saber: presença chamativa de primeira pessoa e um olhar sobre o outro culturalmente afastado.

Em “As corujas” esse outro culturalmente afastado é o animal, capturado em sua alteridade pelo olhar do narrador e do escritor, este último centrado na representação de um mundo mais ético

e afetivo, privilegiando temas e discursos ainda não ditos e ironizando a arrogância da razão humana em comparação ao saber animal.

Dessa forma, ao escolher sua arte, Caio Tateou até encontrar o caminho necessário ao desenvolvimento de sua personalidade, escolhendo de modo consciente uma família de espíritos afins, a exemplo de Clarice Lispector, em prol de um discurso que explora, literariamente e sob diversas perspectivas, a relação entre humanos e não humanos, humanidade e animalidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Inventário do Ir-remediável**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Fernanda Silva. **A construção da epifania nas narrativas de Clarice Lispector**. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todas_asletras/iniacie/FernandaFerreira.pdf. Acesso em 30 de junho de 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio de. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Evando. Pensar e escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. In. **Rastros do animal humano: a ficção de Clarice Lispector**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.